

<http://dx.doi.org/10.14393/HeP-v31n58-2018-12>

NORTE-AMERICANOS EM SÃO PAULO: A criação do Hospital das Clínicas na “Política da boa vizinhança”, 1938-1944

*André Mota**
*Gustavo Querodia Tarelou***

RESUMO: O presente artigo analisa historicamente as relações estabelecidas entre a “política da boa vizinhança” promovida pelos Estados Unidos e a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo no período de 1938 a 1944 no contexto de criação do seu hospital-escola, o Hospital das Clínicas – FMUSP. Apresenta documentação inédita, demonstrando que a influência estadunidense sobre a Faculdade de Medicina não esteve restrita somente aos primeiros anos de seu funcionamento e à Fundação Rockefeller, mas prolongou-se nas décadas seguintes, culminando na doação de equipamentos para o aparelhamento e a inauguração do Hospital das Clínicas como um “presente de guerra” a partir da participação de alguns médicos e professores na Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto, apresenta-se o prosseguimento dos instrumentos de influência do modelo médico-assistencial e tecnológico americanos sobre a medicina paulista a partir dos artigos publicados na *Revista Médico-Social*, revista criada no ano de 1942 pelo então Superintendente do Hospital das Clínicas, Odair Pacheco Pedroso. Entre os objetivos da revista estava o de apoiar os norte-americanos na criação da Associação Pan-americana de Hospitais.

PALAVRAS-CHAVE: História das Práticas Médicas. Imperialismo. Segunda Guerra Mundial.

ABSTRACT: This paper carries out a historical analysis of the relations between the U.S. Good Neighbor policy and the Medical School of the University of São Paulo in the period ranging from 1938 to 1944, within the context of the establishment of its teaching hospital, the FMUSP Hospital of Clinics. The paper presents unpublished documentation showing that the American influence upon the Medical School was not restricted only to the role played by the Rockefeller Foundation in the school's early years of operation, but extended over the next decades, culminating in the donation of equipment to the Hospital of Clinics as a “war gift” for the participation of some physicians and professors in the World War II. In this context, the paper shows the continued action of the instruments of influence of the American medical care and technological model on São Paulo's medicine, drawing on articles published in the *Revista Médico-Social*, a journal created in 1942 by Odair Pacheco Pedroso, then the Superintendent of the Hospital of Clinics. One of the journal's goals was to support the Americans in the creation of the Pan-American Association of Hospitals.

KEYWORDS: History of the Medical Practices, Imperialism, World War II

Introdução

Quando o Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IOT) foi inaugurado, em 1953, a primeira-dama dos Estados Unidos enviou uma bengala de seu marido vitimado pela poliomielite:

* Professor do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e FMUSP e Coordenador do Museu Histórico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

** Doutorando do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e Pesquisador do Museu Histórico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Essa inauguração devia ser presidida pela Sra. Eleonora Roosevelt. Impossibilitada de comparecer, a esposa do grande estadista americano, ao agradecer o convite, enviou ao Dr. Godoy Moreira, diretor do novo hospital, como símbolo de presença e solidariedade àquela obra, a bengala que pertenceu à Franklin Delano Roosevelt. (HOSPITAL DAS CLÍNICAS, 1952, p. 1).

Para além desse fato pontual, tal símbolo de proximidade representou o estabelecimento, entre o Brasil e os Estados Unidos, de uma política de aliança, que não se resumiu somente ao plano político-cultural, mas atingiu esferas diversas, como o campo médico e de saúde pública. Entre os marcos reconhecíveis dessa proximidade, o impacto do Relatório Flexner nos modelos de ensino médico e a filantropia institucional representada pela Fundação Rockefeller na América Latina, desde 1915, foram marcos iniciais importantes. Conforme pontua Marinho:

[...] o projeto da Fundação Rockefeller, consubstanciado na metáfora das sementes iniciais, pautava-se em todo o mundo pela identificação e o apoio a membros da elite científica local que, ao longo de sua trajetória profissional e imbuída do ideário da Fundação, passavam a atuar como parceiros e aliados daquela instituição. Funcionavam, desse modo, como propagadores de uma ideologia e uma visão de mundo conservadoras, centradas na ideia da pesquisa de excelência como atividade de elite, assentada em talentos individuais e representativa de um ideal de racionalidade a ser perseguido. (MARINHO, 2001, p. 48).

Já os estreitamentos políticos internacionais trazidos pela Segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1945, desdobraram-se na criação do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) em 1942, seguindo as decisões tomadas no Terceiro Encontro de Ministros de Relações Exteriores das Repúblicas Americanas. Pelo Serviço, uma visão mais abrangente da extensão da saúde e do sanitário (FONSECA, 2000, p. 395), se contraporia a uma perspectiva nascida desde a década de 1920, de uma individualizante seguridade e previdência social.

No entanto, um olhar mais preciso para as regionalidades brasileiras nesse processo será ainda capaz de flagrar a extensão de outras particularidades desse mesmo contexto, nem sempre identificadas, mas que se escondem nas entrelinhas documentais, recompondo contextos e suas versões explicativas. Nesse sentido, há que se ter uma visão mais alargada da chamada “política de boa vizinhança”, implementada por Franklin Roosevelt entre os anos de 1930 e 1940, que tinha, justamente, em Nelson Rockefeller seu principal idealizador e visava afastar as nações latino-americanas dos países do Eixo, por meio de um organismo político que estreitasse suas relações com os Estados Unidos. Para isso, criou-se, em 1940, o *Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the Americas*, composto pela Divisão Comercial e Financeira, pela Divisão de Comunicações e pela Divisão de Relações Culturais.

Conforme Moura (1993, p. 12), em tal contexto foi lançada uma ofensiva norte-americana às áreas econômica, política e cultural e o Brasil tornou-se um dos principais alvos, num processo de “neutralidade dependente” entre os anos de 1939-1942. O Departamento de Estado Norte-americano deixava claras tais intenções, ao referir-se que:

As divisões de imprensa, rádio e cinema e de outros setores da CIAA estavam treinando homens para ir à América Latina e um número de centros foram sugeridos. Após um estudo mais aprofundado, e discussão com os representantes do Departamento de Estado, o Coordenador apresentou seu plano formalmente à subsecretária de Estado em 14 de julho de 1942. Em breve, este incorporava uma proposta para adicionar pessoal adequado para as equipes dos comitês de coordenação, com uma base regional para lidar com a disseminação de informações por todas as mídias e recolher

informações sobre a eficácia dos programas realizados. (COORDINATOR OF INTER-AMERICAN AFFAIRS, 1947, p. 248).

A tecnologia foi um dos pilares que articulou comunicação, economia e o chamado modo de vida norte-americano (*American way of life*), tendo seus empresários de fazer o sacrifício de anunciar medidas e ações sem retorno imediato, em nome da Política da Boa Vizinhança: “A *realpolitik* mascarava a mercadoria sob o manto democrático-liberal da luta contra o nazifascismo, contra o totalitarismo” (TOTA, 2000, p. 57). No campo médico e de saúde pública, “quando os Estados Unidos se prepararam para entrar na guerra, a adesão do Brasil à causa dos Aliados tornou-se fundamental; nesse sentido, o projeto de saúde e saneamento do Escritório afinava-se completamente aos interesses de segurança nacional daquele país” (CAMPOS, 2008, p. 43).

Entre as marcas ainda desconhecidas dessa política, a reconfiguração da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e a concretização de seu Hospital das Clínicas (HC-FMUSP), no sentido de garantir *status* internacional e de liderança, merecem atenção, quer pela originalidade documental ainda não identificada, quer pela difícil aproximação do tema, exatamente por tocar numa “memória de guerra” que não é “até agora um marco divisor da história contemporânea do Brasil nem um marco periodizador importante na memória coletiva de seus habitantes”. No caso paulista, “a Segunda Guerra Mundial não tem um lugar preciso nem difuso na memória coletiva de São Paulo. Esse lugar pode ser melhor caracterizado por uma singular e persistência ausência” (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 287-288).

Essa matéria pode ser reportada à guerra civil de 1932, essa sim um marco memorialístico da beligerância paulista e de seu envolvimento nos campos de batalha, deixando ao largo a Segunda Guerra como um momento de proeminência. Nesse contexto, conforme propôs Freire Junior e Silva (2014, p. 181-201) em estudo sobre a comitiva científica norte-americana liderada pelo físico Arthur H. Compton, em 1941, se, de um lado, as relações diplomáticas entre Estados Unidos e Brasil, entre 1935 e 1945, que levaram ao alinhamento do Brasil com os Aliados e à entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, foram bem mapeados pela historiografia, há outros campos que merecem a atenção dos analistas, como o da aproximação norte-americana, nesse período, de certas instituições médicas e de saúde, tema esse ainda pouco estudado e conhecido.

Nesse sentido, procura-se compreender, neste artigo, a dimensão histórica dessa conjuntura específica, articulando as particularidades tecnológicas e simbólicas que envolveram suas instâncias médicas entre os anos de 1930 e 1940 sob a forte influência estadunidense advinda desde a presença da Fundação Rockefeller, possibilitando que esse diálogo pudesse se dar sob novas bases em períodos subsequentes. Para tanto, serão exploradas fontes inéditas ou pouco exploradas pela historiografia, tais como as memórias do Professor Benedicto Montenegro, os diários manuscritos de guerra produzidos por Alípio Corrêa Netto, bem como publicações de circulação restrita e documentos institucionais da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Caminhos cruzados de uma vizinhança conhecida: a criação do Hospital das Clínicas no contexto da Segunda Guerra Mundial

Há na história dos “primeiros tempos” da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo diversos contextos explicativos, sendo dois deles basilares. Inicialmente, aquele ligado a seu surgimento, em meio à organização corporativa médica paulista, quando a cafeicultura dava ao estado de São Paulo, na virada do século XX, lugar de prestígio e certa liderança nacional. Desde 1891, a legislação aprovava a criação de uma faculdade oficial de medicina. Pela Lei Estadual n. 19, sancionada por Américo Brasiliense de Almeida Mello, determinava-se a criação da chamada Academia de Medicina e Farmácia, e, finalmente, em 19 de dezembro de 1912, decretava-se a da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Sobre essa fundação, devemos nos remeter à política estadual, aos desacordos havidos desde o governo de Américo Brasiliense, a seu apoio a Deodoro da Fonseca e à

conciliação em torno do então presidente do estado, Rodrigues Alves, que procurou aglutinar as correntes divergentes do Partido Republicano Paulista (PRP) a fim de garantir, entre outros pontos, saldo positivo para as eleições de 1913. Nesse sentido, a escola médica estatal teria sido fruto de barganha sua, “visando promover a pacificação interna da classe dominante, buscar apoio da classe média e neutralizar simultaneamente o movimento das classes populares” (NADAI, 1987, p. 276). Com essas determinações, os médicos que apoiavam ou passaram a apoiar a faculdade estatal diziam ter todos os recursos humanos necessários, que viriam da Santa Casa de Misericórdia ou da Sociedade de Medicina e Cirurgia, lugares que reuniam os grandes da medicina paulista e brasileira. Se outros nomes houvessem, seriam do exterior.

Um segundo momento dessa narrativa se estenderia por um período histórico maior, quando a Fundação Rockefeller estabeleceu contrato com o governo paulista, a partir de 1916. Foi através de pesquisa desenvolvida por Marinho (2003, p. 86), que esse período foi perscrutado. Segundo ela,

Oficialmente, os primeiros contatos entre a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e a Fundação Rockefeller foram estabelecidos com base na correspondência enviada por Arnaldo Vieira de Carvalho em 24 de novembro de 1916, solicitando o apoio da Fundação para o estabelecimento de duas cadeiras: Higiene e Patologia. A resposta enviada em 30 de dezembro do mesmo ano, assinada por Richard Mills Pearce, diretor do Departamento de Educação Médica, comunicava sua vinda ao Brasil no início do ano seguinte quando, então, encontraria Arnaldo para acertar os termos do acordo entre as duas instituições.

É interessante ressaltar que, oficialmente, o pedido de auxílio teve que partir da instituição beneficiada – no caso a Faculdade – apesar de a decisão o *International Health Board* com o fito de apoiar a Faculdade ter sido tomada em um momento bem anterior a essa solicitação. Afinal, a comissão chefiada por Richard Pearce e despachada para o Brasil em 1916 tivera exatamente como objetivo identificar centros de ensino que pudessem ser apoiados. Completam tais ideias as observações desenvolvidas por Castro Santos e Faria (2010, p. 169):

No caso paulista, como em outras partes do mundo, o contato com os cientistas e sanitaristas norte-americanos abriu caminhos para a pesquisa em saúde pública, para a formação das chamadas “profissões de saúde” e para o avanço da educação sanitária. Ao chegar ao Brasil, em 1916, a Rockefeller concedeu bolsas de estudos a jovens cientistas para o curso de Saúde Pública da School of Hygiene and Public Health, da Universidade Johns Hopkins, em Baltimore. Dessa geração de brasileiros destacaram-se Geraldo de Paula Sousa, Francisco Borges Vieira, Pinheiro Chagas.

Nos anos de 1930, Getúlio Vargas estabeleceu bases políticas dando novos contornos à concepção de saúde em todo o país, viabilizada a partir de 1934, com a estabilidade governamental adquirida e a nomeação de Gustavo Capanema como ministro, conciliando posturas centralistas com a chamada Reforma Capanema, de 13 de janeiro de 1937, que teve diversos reflexos em São Paulo.

A sua organização sanitária pode ser compreendida, nesse período de tensão, pelo desequilíbrio das verbas alocadas, pelo fato de suas instituições terem sido pulverizadas em diversos órgãos e seções, resultando na desarticulação entre a legislação aprovada pelo governo federal e sua execução em âmbito estadual. Entre essas mudanças, foi significativa aquela relativa à higiene do trabalho, retirada do Departamento de Saúde e alocada no Departamento Estadual do Trabalho, Indústria e Comércio. Tais desmembramentos faziam definir as concepções de unidade básica de saúde pública, consubstanciadas nos Centros

de Saúde, desvirtuando o projeto concebido pelo médico Geraldo de Paula Souza na década de 1920 (RIBEIRO, 2004, p. 35).

Os reflexos da guerra civil de 1932 e a encalacrada política que envolveu o estado de São Paulo e suas instituições, em meio a uma interpretação heroica construída ainda durante os fatos, jogou uma certa neblina sobre os tempos difíceis vividos, também pela Faculdade de Medicina, que viu parte de seus sonhos desfeitos (SANTOS; MOTA, 2009, p. 35). Entre eles, além da imediata invasão pelas tropas legalistas de seus prédios recém-construídos, amargou o surgimento da Escola Paulista de Medicina, em 1933, entre motivos de necessidade de novas vagas, como um contraponto à estrutura que prevalecia na Faculdade de Medicina de São Paulo, da qual a Fundação Rockefeller se distanciava desde 1931 e finalmente não conseguia viabilizar a construção de seu hospital-escola.

Desde as primeiras discussões a respeito de sua criação, o HC-FMUSP foi concebido para abrigar serviços de diferentes especialidades médicas que se consolidavam naquele momento. Justamente por isso, deveria contar com a mais alta tecnologia disponível, intensificando as transformações corporativas ligadas à formação do médico especialista, conferindo ao pensamento clínico um lugar cada vez mais amplo frente às questões médicas e de saúde pública. Essa reestruturação deu um grande impulso à “clínica”, ganhando o “novo” médico cada vez mais uma posição de cientista frente aos “antigos” práticos e à “Higiene”, pautada no ideário de melhoria racial por meio de estratégias eugênicas (MOTA; MARINHO, 2011, p. 155-156).

Em 1938, após anos de negociação, foi encabeçado pelo interventor federal e também médico Adhemar de Barros¹⁰⁷ o início da construção do Hospital das Clínicas. Essa iniciativa sucedeu uma série de reivindicações da corporação médica para que se cumprisse o acordo firmado com a Fundação Rockefeller, ainda na década de 1920, pelo qual o governo paulista deveria construir um hospital-escola como contrapartida do financiamento oferecido pela instituição para a construção da sede da Faculdade de Medicina. Contudo, é importante ressaltar que o governo paulista alegava falta de verba para justificar a demora no cumprimento de sua parte no acordo. Vale lembrar que, em 1931, o prédio sede da Faculdade havia sido inaugurado com o dinheiro disponibilizado pela Rockefeller, no entanto, as atividades práticas e clínicas dos alunos do curso médico seguiam sendo realizadas na Santa Casa de Misericórdia, uma vez que o Hospital das Clínicas ainda não era nada mais que um projeto parado nas mãos da administração paulista.

Assim, mesmo com a iniciativa da construção do almejado hospital por Adhemar de Barros, a verba disponibilizada pelo governo de São Paulo para a construção do projeto concebido originalmente foi considerada insuficiente, fato que levou a uma readequação dos espaços destinados ao hospital, desagradando médicos e docentes, como se percebe no discurso de inauguração do HC-FMUSP, pelo então Diretor da Faculdade, Professor Benedicto Montenegro (1944, p. 12):

Eu não sei, todavia, se esta satisfação será integral, porque o nosso bom amigo, ressentindo-se, talvez, dos mesmos receios de seus predecessores, condensou o projeto original estudado pelos professores Rezende Puech e Souza Campos de modo a suprimir dependências, que me parece, seriam de grande utilidade se conservadas. Cito, em particular, a redução no tamanho e no número de anfiteatros para as aulas. Apesar da finalidade primordial do

¹⁰⁷ Adhemar Pereira de Barros (1901-1969) foi um dos políticos paulistas mais influentes e mais controversos do século XX. Graduado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1923, ingressou na vida política após tomar parte na Guerra de 1932. Em 1934, foi eleito Deputado Federal Constituinte, e, em 1935, passou a exercer o mandato de Deputado Estadual em São Paulo. Entre 1938 e 1941, exerceu a chefia do Executivo paulista ao ser nomeado interventor federal por Getúlio Vargas. Foi governador de São Paulo em outras duas ocasiões (1947-1951 e 1963-1966) e prefeito da capital paulista entre 1957 e 1961. Adhemar de Barros teve uma carreira política de projeção nacional, pleiteando a Presidência da República em diferentes momentos e tendo sido um dos grandes apoiadores do movimento que culminou com o Golpe Civil-Militar de 1964. Teve sua trajetória política encerrada ao ser cassado e ter seus direitos políticos suspensos em 1966 pelo regime ditatorial que ajudara a empossar dois anos antes.

hospital ser a de cuidar de enfermos e acidentados, é preciso termos sempre em mente, um fato de grande relevância para nós, professores – ele é a parte integrante e essencial da Faculdade de Medicina, ele é a própria Faculdade de Medicina em uma de suas manifestações – a de ministrar o ensino clínico, objetivo, ao lado dos doentes aos seus alunos dos anos superiores e como tal não podia prescindir de amplos anfiteatros para acomodar os alunos.

Dessa forma, foi instaurada a Comissão de Instalação e Organização do Hospital das Clínicas, que deveria viabilizar, com a maior rapidez possível, os serviços necessários. Eram casos considerados corriqueiros, mas indicativos de ações capazes de permitir que seus espaços estivessem dentro das regras hospitalares estabelecidas. Além disso, em 1943, Odair Pacheco Pedroso havia sido nomeado pelo interventor federal Fernando Costa para, em comissão, exercer o cargo de superintendente daquela instituição hospitalar. No entanto, por decreto de 9 de novembro de 1943, a superintendência do HC-FMUSP foi considerada vaga com a renúncia de Odair Pacheco Pedroso; o cargo foi preenchido em seguida por Enéas Carvalho de Aguiar, que ganhara certa visibilidade política e profissional ao dirigir o Asilo Colônia de Aimorés, emblemático leprosário do interior paulista. Em 19 de abril de 1944, data do aniversário de Getúlio Vargas e contando com a presença do presidente aniversariante, o Hospital das Clínicas foi inaugurado já com o *status* de “o maior hospital da América do Sul” (MOTA; MARINHO, 2011, p. 151-152).

Mesmo com toda uma composição burocrática na condução da instituição, o problema das verbas alocadas ainda persistia, na medida em que apenas o prédio, mesmo redimensionado, não corresponderia à finalização do processo sem a compra dos equipamentos necessários. O governo paulista, que se comprometera com o financiamento de toda a construção e aparelhagem do hospital, havia aplicado o dinheiro disponibilizado na construção do prédio e dizia não ter mais recursos para investir na compra do material e da maquinaria necessários a seu funcionamento. Nessa conjuntura, a Faculdade de Medicina conseguiu aliar os empreendimentos anteriores ao momento vivido, conseguindo demonstrar que era a mais americana das faculdades que compunham a Universidade de São Paulo, o que lhe garantiu significativamente dividendos para que “desse conta” da inauguração de seu esperado hospital-escola.

Alípio Corrêa Netto: um médico no *front* da boa vizinhança

Dos professores que estiveram mais envolvidos com esse processo, foi Alípio Corrêa Netto¹⁰⁸ que teve um papel fundamental no campo de guerra e em seus desdobramentos políticos nas conduções dos assuntos relativos à Faculdade de Medicina. Professor de Clínica Cirúrgica, era um dos principais médicos a atuar nas fileiras paulistas na Guerra Civil de 1932, tendo a responsabilidade de cuidar dos soldados feridos nos campos de batalha, desenvolvendo inúmeras técnicas cirúrgicas emergenciais para tratar ferimentos, em sua maioria, causados por tiros e estilhaços de bombas, o que o tornou um dos maiores especialistas em “cirurgia de guerra” no Brasil.

Em 1942, com a declaração de guerra do governo brasileiro aos países do Eixo, Alípio Corrêa Netto ofereceu seus préstimos médicos ao exército nacional, o que foi aceito dois anos mais tarde, a partir da formação da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Assim, em 20 de agosto de 1944, acompanhado de alguns outros médicos¹⁰⁹, partiu para a guerra, passando

¹⁰⁸ Alípio Corrêa Netto nasceu na cidade de Cataguazes, em 14 de janeiro de 1898. Formado em Medicina no ano de 1923 pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, tornou-se professor de Clínica Cirúrgica dessa mesma escola. Entre diversos cargos que ocupou e títulos que recebeu ao longo de sua carreira, destaca-se o fato de ter sido reitor da Universidade de São Paulo na década de 1950. Faleceu em maio de 1988, aos 90 anos de idade.

¹⁰⁹ Entre eles, Floresmundo Plastino Zaragosa, João Ângelo Abatayguara, João Pereira Batista Bicudo, José Alfio Piason, José Monteiro Massaki Udihara, Oswaldo Mendes Leite, Paulo Araújo Homem de Melo, Paulo Canton, Paulo Dumangin Santos e Rubens dos Santos Alves.

por alguns países do norte da África, até chegar à Itália, onde teve uma atuação mais destacada durante o conflito, acompanhando de perto as batalhas travadas em Monte Castello. Na Itália, encabeçada por ele, a equipe médica brasileira juntou-se aos médicos estadunidenses no 38º Hospital de Evacuação do V Exército Americano, que era comandado pelo General Mark Wayne Clark¹¹⁰. Dessa forma, intensificaram-se as relações entre Alípio e os norte-americanos, e, em seu diário pessoal, documento este ainda pouco explorado pela historiografia, ele mesmo destacou algumas etapas dessa aproximação. Por exemplo, em 1º de setembro de 1944, descrevendo seu primeiro contato com seu posto de guerra:

Às 6 horas, fomos acordados pelo toque da alvorada; levantamo-nos, barbeamo-nos e, às 7 horas, fomos ao *break-fast*. Estamos no *Evacuation Hospital* no 5º Exército norte-americano, somos, portanto, comandados pelo célebre General Clark. Estamos agora no final de nossa jornada e no início de nossa missão; fomos integrados ao nosso posto de 1º médico em função em Hospital americano. (CORRÊA NETTO, 1944, p. 25).

Entre seus relatos, é interessante notar a referência acerca da postura dos médicos estadunidenses, que demonstravam pouca confiança na competência profissional dos médicos brasileiros aliados. Segundo as próprias palavras do cirurgião brasileiro, como resultado de uma atitude discriminatória, aos médicos brasileiros só eram encaminhados os soldados negros feridos nos conflitos:

Continuamos a operar os feridos norte-americanos que nos chegam às levas. Já se vai tornando digno de nota o fato de sempre nos tocarem para atender os negros; já não se trata mais de coincidência. Aí está mais um dado da discriminação racial que domina a nação nórdica. Certamente não sendo comprovada, perante os responsáveis pela assistência hospitalar, a nossa capacidade técnica, procuravam eles testar-nos, oferecendo-nos como se fosse uma experimentação, os seus patrícios de cor (IBID, p. 28).

Passados alguns meses no campo de batalha e tendo conquistado a confiança desses comandantes médicos, Alípio foi encarregado de organizar e comandar o 32º Hospital do 5º Exército, mais perto de onde se travavam as batalhas, e, mesmo em meio às dificuldades impostas pela guerra, construiu laços estreitos de amizade com médicos e generais norte-americanos ao longo de seus trabalhos na Itália. Em 21 de fevereiro de 1945, as tropas brasileiras venceram os alemães e tomaram de assalto Monte Castello. E, já em 3 de junho daquele ano, todos os médicos brasileiros retornaram ao Brasil vindos de Nápoles.

¹¹⁰ Mark Wayne Clark nasceu em 1º de maio de 1896. Foi combatente na Primeira Guerra Mundial e, após o conflito, passou a galgar importantes postos no Exército dos EUA, tornando-se, em 1942, o general mais jovem da história do país. Durante a Segunda Guerra Mundial liderou o 5º Exército Americano nos combates travados no norte da África e na Itália, com destaque para a operação que resultou na tomada de Monte Castello. Clark ganhou fama entre os brasileiros por ter comandado as batalhas de que a FEB participou ativamente.

Figura 1 – Alípio Corrêa Netto e outros médicos na porta do 32° Field Hospital, durante a visita do General Souza Ferreira, em 26 de fevereiro de 1945.



Fonte: Acervo do Museu Histórico da FMUSP.

Esses vínculos, bem como a participação direta de outros médicos da FMUSP na guerra, foram de suma importância para o aparelhamento do HC-FMUSP. Na ocasião, Benedicto Montenegro, cujo currículo também ostentava uma participação como médico na Primeira Guerra Mundial e estudos médicos nos EUA, tendo sido aluno de Richard Pearce, um dos representantes da Fundação Rockefeller no Brasil, foi nomeado para assumir a diretoria da Faculdade e igualmente da Comissão responsável pela proposição do projeto de construção do HC-FMUSP, ao lado dos professores Resende Puech e Ernesto de Souza Campos.

À frente dessa diretoria, Montenegro acompanhou de perto a finalização da construção do Hospital das Clínicas e, vendo-se diante do impasse da falta de equipamento para o novo hospital, recorreu às relações que ele e Alípio Corrêa Netto haviam estreitado com os médicos militares estadunidenses. Segundo consta em suas memórias, todo o equipamento que permitiu a inauguração do HC-FMUSP foi doado pelo general Charles Hillman, que havia sido Subchefe do Serviço de Saúde do Exército Americano e que atuara nas fileiras norte-americanas até 1947, quando deixou o Exército. Nas palavras de Montenegro (1978, p. 162-163):

Houve, todavia, um problema angustiante, para o qual não se encontrava solução e que constituía na obtenção de equipamentos que assegurassem a funcionalidade do Hospital das Clínicas. Verba, não havia. Ademais, estando em curso a “II Guerra Mundial”, era impossível a importação do material necessário e que já não existia no mercado nacional, por proibição dos países fornecedores em guerra e nem havia fábricas que se dispusessem a produzi-lo no Brasil. Felizmente a sorte nos favoreceu nesse momento. Eis que, passando por São Paulo, visitou as obras do Hospital das Clínicas o General Hillman, Subchefe do Serviço de Saúde do Exército norte-americano. Expus-lhe as vicissitudes por que passávamos e pedi seu auxílio. Ele nada prometeu, de concreto, mas apenas intercedeu, perante as autoridades do seu país, para liberar o material de que necessitávamos. No entanto, ele foi além no seu auxílio. Assim, não eram decorridos dois meses de sua visita e

uma “fortaleza voadora” desembarcou, no Rio de Janeiro, tudo de que necessitávamos, inteiramente grátis, como “auxílio de guerra”. Somente levantando-se as “mãos aos céus” poder-se-ia agradecer tão preciosa dádiva, pois permitiu que o Hospital das Clínicas fosse completamente equipado.

A Revista Médico-Social: a guerra não acabou!

Essa estreita relação entre brasileiros e estadunidenses na área médica, bem como as influências recebidas a partir dos acordos de cooperação de guerra firmados entre os dois países, pode ser acompanhada, mais uma vez, na *Revista Médico-Social: questões hospitalares e médico-sociais*. Idealizada pelo médico Odair Pacheco Pedroso, entre outros¹¹¹, teve seu primeiro número publicado em 1942, esperando dar um passo para a constituição da Associação Panamericana de Hospitais. Segundo a saudação de apoio do então diretor associado do *American College of Surgeons*, Malcolm T. MacEachern (1942, p. 3):

O progresso não vem por acaso. Ele acompanha o espírito corajoso de iniciativa e bandeirismo, a arrancada de projetos novos, a criação consciente de interesse por um trabalho digno dos homens que uma chama de entusiasmo anima, no sentido de melhorar a sorte da humanidade.

Assim, a Revista dizia responder a uma necessidade premente, mas ainda fragmentada no Brasil, onde, em âmbito hospitalar, tanto a terapêutica como a medicina preventiva mostrariam à sociedade os máximos benefícios de que eram capazes, frente ao desafio de construir novos hospitais em todo o território nacional:

Nem sempre, porém, os novos planos têm obedecido às exigências da técnica moderna, por falta de orientação esclarecida. Maus hospitais vão se instituindo em moldes dificilmente remediáveis. Com a mesma a despesa poderiam ser ótimos, se obedecessem a um ponderado critério técnico, tendo em vista o mecanismo de funcionamento, no que tange aos modernos preceitos de organização. (CAMPOS, 1942, p. 3).

Por isso, a medicina não deveria ser entendida como de interesse puramente individual, posto que em todas as suas manifestações afetaria a coletividade:

O nosso hospital deve sair do conceito puramente caritativo, piedoso, atendendo aos doentes por misericórdia, como tem sido até hoje; deve assumir a tutela sanitária, na defesa da família e na proteção econômica da coletividade; tem importância de interesse público, de ordem geral e coletiva. (PEDROSO, 1942, p. 3).

Contudo, as intenções da *Revista Médico-Social* se voltavam para o plano tecnológico da saúde e havia também um interesse estratégico na congregação de todos os hospitais da América Latina; além disso, a imensa gama de sua produção preconizava a necessidade do uso de alta tecnologia, da ampliação da indústria farmacêutica (RIBEIRO, 2008, p. 46-47), de maquinário e administração hospitalar moderna hierarquizada, discutindo diversos pontos vindos do complexo contexto internacional da Segunda Guerra Mundial.

Nesse sentido, a *Médico-Social* sempre publicava artigos de cientistas e médicos norte-americanos, com textos de divulgação de inovações tecnológicas e técnicas alcançadas

¹¹¹ A Editora Médico-Social era constituída por: Aderbal Tolosa, A. C. Pacheco e Silva, Alípio Correa Netto, Antônio de Almeida Prado, A. Paula Santos, Benedicto Montenegro, Cantídio de Moura Campos, Celestino Bourroul, D. Pinheiro Cintra, Edith Fraenkel, Edmundo Vasconcelos, Flaminio Fávero, Francisco Antônio Cardoso, Francisco Borges Vieira, Francisco Godoy Moreira, Geraldo Horácio de Paula Sousa, Jaime Cavalcanti, Jaime Regallo Pereira, Luciano Gualberto, Nicolau de Moraes Barros, Odair Pacheco Pedroso e Raul Briquet.

nos EUA, bem como diversos anúncios de novos aparelhos médicos, mas quase sempre dentro do palco da guerra. Assim, se evidenciava a influência recebida pelo Hospital das Clínicas, no sentido de seguir à risca o modelo estadunidense, fosse quanto a sua organização (administrativa e arquitetônica), fosse quanto a seu arsenal tecnológico – seu aparato farmacológico e seu maquinário, além de suas concepções ideológicas.

Buscando ser um veículo de consolidação da presença da medicina brasileira na construção de uma Associação Pan-Americana de Hospitais, a *Revista Médico-Social* divulgou inúmeros textos que salientavam a composição de uma “unidade entre as Américas”, ao menos no propósito de cuidar de forma homogênea da saúde do *Homo americanos*.¹¹² Assim, a publicação advogava que o plano para o avanço da medicina e do acesso à saúde para a população de todo o continente passava necessariamente pela adoção do modelo, que se impunha naquele momento.

Um caso exemplar é o de João Alves Meira, professor livre-docente da Clínica de Doenças Tropicais e Infecciosas da FMUSP, que recebeu uma bolsa de estudos da Fundação Rockefeller e da *American Foundation for Tropical Medicine* em 1943. De volta ao Brasil, descreveu suas impressões sobre a medicina estadunidense, exaltando a organização dos hospitais e as técnicas empregadas, mas o que mais lhe chamou atenção e deu motivos para diferenciar os hospitais brasileiros dos estadunidenses foram os aspectos culturais dos médicos:

O que mais contribui para a organização modelar que presenciamos é a disciplina e o método de trabalho. A perfeita noção da responsabilidade, o cumprimento exato dos deveres são os atributos principais dos jovens médicos que fazem seu internato no hospital. Nada fica para amanhã. O que tem de ser feito, faz-se imediatamente e as indicações recebidas dos chefes de serviço são obedecidas rigorosamente e com a máxima presteza. Poderá parecer exagero de nossa parte, mas afianço que não há prosa nem conversa durante o trabalho, nas enfermarias que se processa silencioso. Demais, o espírito de cooperação que existe entre os diversos grupos no mesmo serviço, o mesmo interesse pelo estudo, a mesma curiosidade científica, a cordialidade reinante entre todos e a mesma ânsia pelo aperfeiçoamento dos seus conhecimentos, o respeito pela opinião alheia, fazem com que tudo concorra para a excelência dos resultados a que tal sistema de trabalho fatalmente conduz. (MEIRA, 1943, p. 25).

Nas edições da *Revista Médico-Hospitalar* há diversos outros artigos exaltando o modelo médico estadunidense e propondo que ele pautasse os hospitais brasileiros. Vejamos outro bom exemplo, este de Mário Kroeff, então Diretor do Serviço Nacional do Câncer:

Para os hospitais, há uma atenção especial do americano. Na vida ativa que leva, põe em primeira linha os problemas da saúde, esmera-se por cercar o doente de todos os cuidados, confia na medicina curativa e preventiva, prega a boa alimentação e os hábitos de higiene, defesa da eugenia e a educação física, enaltece o vigor de sua raça e apoia as campanhas de esterilização dos tarados [...]. Daí o carinho que desfruta a vida hospitalar, cercado de respeito e admiração pública. As doações repetem-se por toda a parte, grandes e pequenas, e o material traz sempre o nome do bemfeitor, inscrito nos leitos, nos gabinetes, nas salas, bibliotecas, escritórios, etc. [...] Outras vezes, é todo um monobloco ou o próprio conjunto hospitalar que é doado por um particular. [...] Os Estados Unidos dão ao mundo grandes lições de solidariedade humana. Colocando-se ao lado deste grande país, o Brasil tomou na fileira da civilização, não apenas da civilização material, mas

¹¹² A expressão *Homo americanos*, que visa persuadir da necessidade de se criar uma rede de saúde homogênea para a população de todo o continente americano, é de Lamella (1943, p. 25).

também da que se caracteriza por um programa moral e espiritual. (KROEFF, 1944, p. 30).

Foi também nessa conjuntura que, no ano de 1942, a criação da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EE-USP) foi amplamente divulgada pela *Revista Médico-Social*. Falou-se das plantas de seu prédio e de seus programas de ensino e residência, mas destacou-se, sobretudo, o trabalho no hospital correspondente exatamente às mudanças tecnológicas e de poder, que se julgavam paradigmáticas para o nascente Hospital das Clínicas. Se a conformação do campo da enfermagem sob os auspícios da Fundação Rockefeller e do SESP ganharam postulações no campo da higiene e da saúde pública (CASTRO SANTOS; FARIA, 2010, p. 66-108), os procedimentos da enfermagem em torno das demandas do trabalho hospitalar moderno ganharam espaço discursivo próprio, fundamentalmente com a chegada do HC-FMUSP e da Escola de Enfermagem. Tratando dos serviços prestados pela EE-USP e de sua importância no fornecimento de profissionais para o Hospital das Clínicas, disse a *Médico-Social*:

A Escola de Enfermagem de São Paulo vem suprir uma necessidade imperiosa em nosso meio. Não se pode existir bom serviço de saúde sem boa enfermeira; ela é tão necessária quanto o bom médico. Os países de língua inglesa foram os primeiros a compreender essa necessidade e a proporcionar centros de ensino onde moças de boa família e base cultural sólida pudessem preparar-se para este fim. (REVISTA MÉDICO-SOCIAL, 1944, p. 51).

Discutindo temas ligados à enfermagem, a *Revista Médico-Social*, explícita ou subliminarmente, propunha a conformação da enfermagem em São Paulo ao modelo norte-americano pela composição do currículo, as aulas práticas como ponto fundamental da formação, a organização das turmas etc. Em artigo publicado na *Revista*, diz a diretora da Escola de Enfermagem, Edith Fraenkel (1943, p. 25): “O currículo americano aconselha de 1.200 a 1.300 horas [de aula], sendo esse também o cálculo feito para a Escola de Enfermagem de São Paulo”. O apoio dos EUA à consolidação de um modelo de enfermagem em São Paulo também se deu também em nível diplomático e governamental, com bolsas de estudo a mulheres interessadas em estudar na Escola de Enfermagem de São Paulo, porém com estágios em hospitais e escolas de enfermagem nos Estados Unidos:

A fim de estimular o gosto pela nobre profissão de enfermeira e contribuir para a formação de profissionais de elevado padrão, o Serviço de Coordenação dos Negócios Interamericanos de Washington, por intermédio do Serviço Especial de Saúde Pública, ofereceu à Escola de Enfermagem de S. Paulo trinta bolsas de estudo de enfermagem, a serem realizadas nesta escola, destinadas a moças diplomadas por escolas normais de todo o Brasil. Para concretizar essa iniciativa de grande alcance, seguiu, a 6 do corrente, em viagem pelos Estados brasileiros, a senhorita Haydée Guanaes Dourado, Instrutora da escola de Enfermagem de S. Paulo, a fim de selecionar as candidatas às bolsas de estudo, em colaboração com os Srs. Intervenores, Diretores de Saúde Pública e Delegados Federais de Saúde dos Estados. Acompanha a enviada da escola de Enfermagem de São Paulo a Sra. Gertrudes Hodgman, a quem está afeto o programa de auxílio à enfermagem no Brasil. (NIEBLER, 1943, p. 26).

Finalmente, cabe lembrar dos anúncios publicitários, que divulgavam essa tecnologia hospitalar, visando, inclusive, a direção de outros hospitais brasileiros, demonstrando que aqueles que não possuíssem o maquinário produzido nos EUA seriam, sem dúvida, instituições incompletas e estariam, acima de tudo, longe dessa grande parceria interamericana.

Considerações finais

Ao fim e ao cabo dessa reflexão, pretendemos inferir que o modelo tecnológico médico e de saúde adotado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, com seu Hospital das Clínicas, institutos e escolas significou o prosseguimento dos instrumentos de influência do modelo médico-assistencial e do arsenal de tecnologia médica dos EUA, fruto de contextos bastante específicos. Num primeiro momento, esse plano de ação e influência esteve atrelado à Fundação Rockefeller e o impacto do Relatório Flexner, mas, com a eclosão da Segunda Grande Guerra, aprofundou-se a presença estadunidense e se potencializou esse quadro formativo. É por essa particular conjuntura que se explica que, no ano de 1951, a Associação Médica Norte-Americana tenha credenciado a FMUSP entre as 15 mais importantes do planeta.

Resultado de um processo mais amplo e cujas entrelinhas da história contêm pistas que nos levam a uma visão mais panorâmica do período, a memória da Segunda Guerra no Brasil merece ser retomada, pois, mesmo pouco lembrada, está presente na constituição do maior hospital-escola do país, e tecendo, entre permanências e rupturas históricas, razões que explicam o seu significado, existência e muitos de seus rumos até os tempos atuais. Neste sentido, o acesso a um conjunto de fontes ainda pouco exploradas pela historiografia, tais como memórias de médicos e professores, diários de guerra, publicações de circulação restrita e documentos institucionais, por exemplo, como pretendemos mostrar ao longo deste trabalho, poderá contribuir para o desenvolvimento de novas e importantes perspectivas históricas sobre a Segunda Guerra Mundial, sobre a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e sobre o HC-FMUSP.

Referências bibliográficas:

CAMPOS, André Luiz Vieira de. **Políticas internacionais de saúde na era Vargas: o Serviço Especial de Saúde Pública, 1942-1960**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

CAMPOS, Ernesto de Souza. Carta endereçada à Revista Médico-Social. **Revista Médico-Social: questões hospitalares e médico-sociais**. São Paulo: ano I, n. 2, 1942, p. 3.

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; PORTO, Fernando; OGUISSO, Taka; FREITAS, Genival Fernandes de. Memória da saúde em São Paulo: Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-americana. **Cadernos da História da Ciência**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 39-52, 2008.

CASTRO SANTOS, Luiz Antonio de; FARIA, Lina. Os primeiros centros de saúde nos Estados Unidos e no Brasil: um estudo comparativo. In: _____. **Saúde e história**. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 154-186.

COHN, Amélia; ELIAS, Paulo E. **Saúde no Brasil: políticas e organização dos serviços**. São Paulo: Cedec; Cortez, 1996.

COORDINATOR OF INTER-AMERICAN AFFAIRS. **History of the office of the coordinator of inter-american affairs: historical reports on war administration**. Washington: United States Government Printing office, 1947.

CORRÊA NETTO, Alípio. **Diário de guerra**. Diário produzido por Alípio Corrêa Netto em sua atuação junto à FEB na Segunda Guerra Mundial. 1944.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Geração; Edusp, 2000.

FONSECA, Cristina Maria. Trabalhando em saúde pública pelo interior do Brasil: lembranças de uma geração de sanitaristas (1930-1970). **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 393-411, 2000.

FONSECA, Cristina Maria O. **Saúde no governo Vargas (1930-1945):** dualidade institucional de um bem público. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2007.

FRAENKEL, Edith. Pontos de currículo para Escolas de Enfermagem. **Revista Médico-Social:** questões hospitalares e médico-sociais. São Paulo, ano I, n. 7, 1943, p. 25-26.

FREIRE JUNIOR, Olival; SILVA, Indianara. Diplomacia e ciência no contexto da Segunda Guerra Mundial: a viagem de Arthur Compton ao Brasil em 1941. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 34, n. 67, p.181-201, 2014.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos:** o breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOSPITAL DAS CLÍNICAS. **Ofício A.2-695**, de 27 de outubro de 1952. São Paulo, 1952.

KROEFF, Mário. A organização hospitalar norte-americana. **Revista Médico-Social**. São Paulo, ano II, n. 15, p. 30-36, 1944.

LAMELLA, Félix. Os hospitais e a política de boa vizinhança. **Revista Médico-Social:** questões hospitalares e médico-sociais. São Paulo, ano I, n. 10, p. 25-26, 1943.

MACEACHERN, Malcolm T. A minha saudação à Revista Médico-Social. **Revista Médico-Social:** questões hospitalares e médico-sociais. São Paulo, ano I, n. 1, p. 3, 1942.

MARINHO, Maria Gabriela S. M. C. **Norte-americanos no Brasil:** uma história da Fundação Rockefeller na Universidade de São Paulo, 1934-1952. São Paulo: FAPESP; Universidade São Francisco; Autores Associados, 2001.

MARINHO, Maria Gabriela S. M. C. **Elites em negociação:** breve história dos acordos entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina de São Paulo, 1916-1931. São Paulo: Universidade São Francisco, 2003.

MEIRA, João Alves. Impressões de uma viagem aos Estados Unidos. **Revista Médico-Social:** questões hospitalares e médico-sociais. São Paulo, ano I, n. 8, p. 24-29, 1943.

MONTENEGRO, Benedicto. **Os meus noventa anos**. São Paulo, 1978. (mimeo)

MONTENEGRO, Benedicto. Comemorado ontem nesta capital com diversas cerimônias cívicas o aniversário do Sr. Getúlio Vargas. **Folha da Manhã**, São Paulo, 20 abr. 1944, Primeira Seção, p. 12.

MOTA, André. **Tropeços da medicina bandeirante:** medicina paulista 1892-1920. São Paulo: Edusp, 2005.

MOTA, André; MARINHO, Maria Gabriela, S. M. C. O discurso da excelência em solo paulista. marchas e contramarchas na criação e instalação do Hospital das Clínicas (1916-1950). In: MOTT, Maria Lucia; SANGLARD, Gisele (Orgs.). **História da saúde em São Paulo:**

instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958). São Paulo: Manole; Fiocruz, 2011. p.133-170.

MOURA, Gerson. Neutralidade dependente: o caso do Brasil 1939-1942. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 6. n. 12, p.177-189, 1993.

NADAI, Elza. **Ideologia do progresso e ensino superior** (São Paulo 1891-1934). São Paulo: Loyola, 1987.

NIEBLER, Iracema E. D. Bolsas de estudo oferecidas à Escola de Enfermagem de S. Paulo. **Revista Médico-Social**: questões hospitalares e médico-sociais. São Paulo, ano II, n. 13, p. 23-26, 1943.

NOTAS de um expedicionário médico. **Arquivos Médicos dos Hospitais e da Faculdade de Ciências Biomédicas da Santa Casa de São Paulo**. São Paulo, jun. 1981, p. 5-8.

PEDROSO, Odair Pacheco. A organização hospitalar nos Estados Unidos: visão dos hospitais modernos. **Revista Médico-Social**: questões hospitalares e médico-sociais. São Paulo, ano I, n. 1, p. 3, 1942.

PEREIRA NETO, André de Faria. **Ser médico no Brasil**: o presente no passado. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

REVISTA MÉDICO-SOCIAL: questões hospitalares e médico-sociais. São Paulo, ano I, n. 1, 1942.

REVISTA MÉDICO-SOCIAL: questões hospitalares e médico-sociais. São Paulo, ano II, n. 17, 1944.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. A cidade de São Paulo e a saúde pública (1554-1954). In: PORTA, Paula. **História da cidade de São Paulo**: a cidade no Império, 1823-1889. São Paulo: Paz e Terra; Petrobrás, 2004.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. A indústria farmacêutica na era Vargas. São Paulo 1930-1945. **Cadernos de História da Ciência**, São Paulo, v. 2, n. 2, 2008.

SALUN, Alfredo Oscar. **Zé Carioca vai à guerra**: histórias e memórias sobre a FEB. São Paulo: Pulsar, 2004. (Coleção Tempo de História, v. 4.)

SANTOS, Marco Antonio; MOTA, André. **São Paulo 1932**: memória, mito e identidade. São Paulo: Alameda, 2009.

SCHRAIBER, Lilia Blima. **O médico e seu trabalho**: limites da liberdade. São Paulo: Hucitec, 1993.

SILVA, Márcia Regina Barros da. **Construindo uma instituição**: Escola Paulista de Medicina 1933-1956. 1998. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SILVA, Márcia Regina Barros da. **O mundo transformado em laboratório**: ensino médico e produção de conhecimento em São Paulo, 1891 a 1933. 2004. Tese (Doutorado em História

Social) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TOTA, Antonio Pedro. **Americanos**. São Paulo: Contexto, 2009.

Recebido em janeiro de 2017.
Aprovado em dezembro de 2017.